



## MULHERES E POLÍTICA: UMA CONVERSA COM FÉLIX GUATTARI

SONIA REGINA VARGAS MANSANO<sup>1</sup>

<sup>1</sup>*Universidade Estadual de Londrina – mansano@uel.br*

### Resumo

A participação de mulheres em ações políticas no nosso país é crescente, mas ainda discreta. Quando falamos de práticas micropolíticas, realizadas no cotidiano relacional, entretanto, sua presença, frequência e relevância são inquestionáveis. Qual o laço entre as mulheres e a política? Como se constitui sua implicação com as causas sociais e ambientais? Tomando estas questões em análise o presente estudo, vinculado a um projeto de extensão universitária, propõe uma conversa sobre a vinculação entre mulheres e política com base na obra do pensador francês Félix Guattari, explorando especialmente suas contribuições sobre militância e ativismo. Para tanto, o estudo foi organizado em dois momentos: primeiro, é realizado um apanhado geral sobre a participação das mulheres nas ações políticas de nosso país; na sequência, já dialogando com Guattari, abordaremos as noções de militância e ativismo, bem como seus desdobramentos na vida em coletiva. Ao final do estudo será possível argumentar que a aproximação das mulheres com a política implica ações locais que nem sempre ganham visibilidade e reconhecimento quando se tem como parâmetro as políticas institucionais.

**Palavras-chave:** mulheres; política; militância; sociedade

### Contextualização

Diferentes iniciativas governamentais e partidárias buscam estimular a participação de mulheres nas instituições políticas de nosso país. Sua presença nesses espaços ainda é discreta quando comparada a atuação masculina, especialmente em partidos políticos (OLIVEIRA, 2023). Por outro lado, práticas micropolíticas voltadas para questões sociais e ambientais são bastante expressivas apesar de não ganharem ampla visibilidade (ELEUTÉRIO, 2023). Contribuindo para acentuar essa baixa participação, já é de conhecimento público que o Brasil é um dos países que mais mata e agride ativistas e militantes de causas sociais e ambientais, fato que dissemina o medo e a insegurança de se envolver diretamente nesse tipo de ação (BETIM, 2020).

Atento a isso, foi elaborado em 2022 o projeto de extensão intitulado “Ativismo e liderança de mulheres em causas sociais e ambientais: criando espaços de potencialização afetiva”<sup>1</sup>, junto à Universidade Estadual de Londrina (UEL, 2022). Seu objetivo consiste em conhecer e analisar os impasses, desafios e risco em defesa da vida que são assumidos por ativistas e líderes das causas sociais e ambientais com vistas a intervenções grupais de

---

<sup>1</sup> O presente artigo é resultado parcial do Projeto de Extensão “Ativismo e liderança de mulheres em causas sociais e ambientais: criando espaços de potencialização afetiva”, registrado na Universidade Estadual de Londrina e que conta com fomento da Fundação Araucária de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Estado do Paraná.

potencialização. O projeto foi metodologicamente organizado em três momentos: pesquisa teórica, pesquisa documental e intervenção grupal. Especificamente neste ensaio apresentaremos os resultados do primeiro momento do projeto que se debruçou na investigação teórica sobre a vinculação entre mulheres e política valendo-se de um diálogo com o pensador francês Félix Guattari (GUATTARI, 1977; 1997; GUATTARI; ROLNIK, 1996).

Algumas questões guiaram esse diálogo: na primeira parte, denominada “Mulheres em foco: as micropolíticas do cotidiano”, problematizamos a presença de mulheres nas lutas sociais e ambientais de nosso país, bem como a baixa visibilidade das ações que ocorrem em esfera cotidiana das relações afetivas. Na sequência, a partir do que denominamos como “Conversando com Félix Guattari”, questionamos junto ao autor como a militância e o ativismo podem ser compreendidos, estimulados e fortalecidos em nossa sociedade, evitando as armadilhas identitárias e dando especial atenção às mudanças e transformações necessários para expandir e pluralizar os movimentos sociais. A noção de devir mulher, proposta pelo autor, colocará em evidência a diversidade de ações e micro intervenções que as causas defendidas podem ganhar, mantendo-se em um movimento de produção vivo, desejante e coletivo.

Ao final deste estudo, será possível compreender o quanto as ações micropolíticas de militância colocam em curso o que o autor denomina como “revolução molecular” (p. 11) cuja força está precisamente em espalhar seu raio de ação valendo-se de alianças e articulações inesperadas.

### **Mulheres em foco: as micropolíticas no cotidiano**

A luta das mulheres pelo reconhecimento e concretização de seus direitos civis e políticos vem desde longa data. Em estudo anterior (CARVALHAES; MANSANO, 2016), pudemos mostrar o quanto o século XX foi decisivo nessa trajetória tendo em vista os diferentes movimentos sociais gerados para dar visibilidade a reivindicação de questões elementares para o exercício da cidadania, como o direito ao voto, ao uso de contraceptivos e a autonomia sobre a decisão matrimonial, para ficar em apenas alguns exemplos. Desde então, diversas são as frentes de atuação de mulheres que reconhecem na conquista do bem-estar comum (HARDT; NEGRI, 2016) possibilidades de potencialização da existência humana e planetária. Eles afirmam que que o bem-estar comum também pode ser chamado de “ecologia do comum – uma ecologia centrada igualmente na natureza e na sociedade, nos seres humanos e no mundo não humano, numa dinâmica de interdependência, cuidado e transformação mútua” (p. 196).

Um fato que chama a atenção na atuação das mulheres é que, de modo frequente, suas intervenções são dirigidas a indivíduos ou causas específicos, pequenos grupos ou instituições, atuando em bairros, comunidades e movimentos sociais cuja relevância é inquestionável, mas se mantém distante da repercussão pública midiática, tão em voga em nosso tempo. Vemos se configurar nessas ações uma micropolítica dos encontros cotidianos na qual, valendo-se de diferentes estratégias de aproximação, abordagem e vinculação, bem como guardando uma dimensão anônima, as ações se revertem em um resultado imaterial de difícil apreensão e mensuração, mas que envolve desejo, solidariedade, práticas de inclusão e alianças situadas por meio das quais tanto as mulheres quanto quem recebe sua atenção (seja humano ou não humano) saem fortalecidos.

Pode-se dizer que estamos diante de uma micropolítica que atenta ao que acontece ao redor e, especialmente, “alerta para tudo o que bloqueia os processos de transformação no

campo subjetivo. Esses processos de transformação que se dão em diferentes campos da experimentação social podem ser, às vezes, mínimos e, no entanto, constituir o início de uma mutação maior. Ou não...” (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p. 135). A tensão colocada por esse “ou não” deixa entrever que não há regras ou desdobramentos predeterminados e fixas na micropolítica: as ações desencadeadas podem seguir diferentes rumos, desde a liberação até novos constrangimentos. Daí a preocupação de Guattari em manter um exercício analítico sobre as intervenções a fim de não se deixar levar pelas armadilhas da política hegemônica ancorada no poder centralizado.

Longe das ações midiáticas que chamam para alguns protagonistas a atenção de um público extenso, amplamente filiado à sociedade do espetáculo (DEBORD, 1997), as intervenções micropolíticas dessas mulheres guardam a sutileza de pequenos gestos, palavras, olhares e atos que conectam e potencializam agentes em pequena escala, mas que fazem diferença para atravessar ou mesmo superar experiências limítrofes, difíceis e dolorosas. Ocorre, entretanto, que pela frequência com que são realizadas, essas micropolíticas dos encontros, que como já mencionado, não se prestam a mensurações, são de difícil identificação. Elas colocam em curso a criação de laços sociais locais que mantêm existências conectadas, ainda que por um tempo efêmero. Exemplos dessas ações puderam ser constatados nas inúmeras ações de combate à fome e à miséria realizadas durante a pandemia que garantiram a continuidade da existência a um contingente de trabalhadores que já estava praticamente condenado pelos processos de exclusão social, processos esses que foram reconfigurados de modo traumático (BIRMAN, 2021) durante esse período traumático da nossa história (STROPASOLAS; GIOVANAZ, 2021).

O que move tais mulheres? Como agem e conquistam um espaço social ao mesmo tempo anônimo e fortalecedor? Não estamos aqui vinculados ao campo teórico que se guia pela tomada de consciência. Esta, apesar de necessária e relevante em nossa história política, apresenta seus limites. É na superação desses limites que a noção de micropolítica pode cooperar para esta análise. Ela ganha contornos pela “abertura dos problemas da vida cotidiana” (GUATTARI, 1977, p. 67), abarcando e conectando planos distintos da existência como o educacional, econômico, relacional, tecnológico, ambiental e cultural, para ficar em apenas alguns exemplos. Isso implica ações para construir a “própria vida, construir algo de vivo, não somente com os próximos (...), com amigos, com militantes, mas também consigo mesmo, para modificar, por exemplo, sua própria relação com o corpo, com a percepção das coisas” (p. 67). Na companhia da Rolnik, Guattari (1996) mostra que a micropolítica é colocada em curso quando os modos de viver e perceber o mundo ganham contornos de uma produção e saem da esfera de mera reprodução de modelos ou estruturas. Em suas palavras, isso é possível “desde que se reconheça que a luta não mais se restringe ao plano da economia política, mas abrange também o da economia subjetiva” (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p. 45).

A micropolítica alia-se, então a análise da produção subjetiva dos encontros que, distante da hegemonia do capitalismo financeiro, implica considerar “as diferentes maneiras pelas quais os indivíduos e grupos entendem viver sua existência” (p. 45). Fica notável, então, que as ações micropolíticas envolvem uma mudança de foco que sai do imperativo do individualismo instaurado para gerar renda e se volta à mobilização de outras sensibilidades relacionais para percepção do mundo, nas quais o outro, atravessado por diferenças, pode ser considerado com coprodutor de ações e modos de viver. É nessa direção de rompimento com a hegemonia capitalística que Guattari (1977) apresenta a noção de devir mulher: “tudo o que



quebra as normas, tudo o que rompe com a ordem estabelecida tem algo a ver com (...) um devir mulher” (p. 36). Esse conceito coopera para compreender “o que se passa entre” os partícipes de um encontro, povoado de possibilidades e que evoca a ruptura com o que está amplamente instituído e legitimado como regra social. Problematizar, questionar e fazer de modo diferente do esperado colocam em curso o devir mulher, que não é exclusivo de um gênero, as pode se fazer vivo em qualquer corpo sensível ao movimento social e afetivo da produção do bem-estar comum (HARDT; NEGRI, 2016).

É nessa direção que uma parte das ações de ativismo e militância de mulheres parece seguir seu curso. Guattari acrescenta: “sem a transformação das mentalidades e dos hábitos coletivos haverá apenas medidas ilusórias relativas ao meio material” (1992, p. 173) as quais estão mais ligadas as macropolíticas governamentais, que também se deparam com limites expressivos. Ações de militantes e ativistas passam necessariamente pela transformação cotidiana das mentalidades e das sensibilidades, na qual a primazia do “eu” abre espaços para a coletividade que se expressa para além das preferências individuais, exigindo a cada caso uma “cartografia multidimensional da produção de subjetividade (p. 177). É o que veremos na sequência.

### Conversando com Félix Guattari

Guattari é direto com as palavras quando declara: “Militar e agir. Pouco importam as palavras, o que interessa são os atos” (p. 12). Valendo-se dessa pragmática ele ajuda a compreender que as intervenções militantes e ativistas mantêm ressonâncias diretas com dimensões da existência que ficam apagadas pelo capitalismo voraz da produção, do acúmulo e do consumo, uma vez que focam nas demandas sociais urgentes e localizadas. Tais práticas são diretamente conectadas às trajetórias históricas e se aliam às maneiras de viver, sentir e conceber a existência de quem as assume, evidenciando os modos plurais e sensíveis das ações.

Isso abre para um outro campo de produção que não se reduz à modelos ou valores cristalizados. Assim, conceber e colocar em ação outras referências sensíveis para viver é o desafio assumido por quem se alia à militância. Em sua concepção, portanto, não são “os especialistas do pensamento ou do militantismo que propõem novos modelos, mas pessoas diretamente interessadas que experimentar novas maneiras de viver” (p. 67) no cotidiano relacional. Trata-se, outrossim, de militar pela expansão e diversificação da vida ali onde ela acontece, desafia, insiste e faz sentido. Falando especificamente da questão ecológica, ele salienta sua preocupação: “A conotação da ecologia deveria deixar de ser vinculada à imagem de uma pequena minoria de amantes da natureza ou de especialistas diplomados” (GUATTARI, 1997, p. 37), ampliando as possibilidades de mobilizar agentes e desejos em uma proporção mais ampla e multifacetada que envolva “novos operadores” (p. 37).

Um desses operadores, a aliado das lutas políticas seria, na percepção de Guattari, a produção desejante que, em sua concepção é “extraterritorial, desterritorializado, desterritorializante, ele [o desejo] passa por cima e por baixo de todas as barreiras” (p. 81). Assumir uma luta passa, nessa perspectiva de análise, pela produção desejante de construir coletivamente algo que não será posto no social como modelo a ser seguido, mas convoca o desafio de fazer, abandonar e transmutar o estado de coisas vigente. Essa mobilidade, por vezes, incomoda a suposta estabilidade tranquilizadora dos valores hegemônicos que, em larga medida, são avessos ao movimento. Em seu entendimento, apesar de forte e disseminada, “não



existe estrutura universal do espírito humano e da libido” (p. 82). Nesse sentido, a vida é produção e enfrentamento, cabendo aos viventes implicarem-se com seu fluxo de destruição e criação.

Obviamente, as instâncias de valoração dominantes “querem nos convencer de que estamos mergulhados numa espécie de fatalidade. Para sair disso, parece-me importante mostrar que, sistematicamente à onipotência aparente do CMI [Capitalismo Mundial Integrado], há toda uma série de possíveis vias de acesso a transformações em todos os níveis (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p. 49). Não seriam esses níveis diversos e dispersos o objeto desejante que aciona e qualifica as intervenções dessas mulheres? Se assim for, pode-se dizer que suas ações se aliam ao que Guattari (1997, p. 33) descreve como “modos de produção de subjetividades – isto é, de conhecimento, cultura, sensibilidade e sociabilidade”, os quais são mobilizados nos encontros cotidianos. Priorizar a produção local, o caso e o necessário abrem para um contato direto com a diferença. Estamos, assim, em um campo micropolítico de ações situadas cuja diversidade, ruptura e mutação move seus agentes. É nessa direção que o debate sobre movimentos sociais ganha relevância. Para Gohn (2011, p. 3), eles são compreendidos como “sociais coletivas de caráter sociopolítico e cultural que viabilizam formas distintas de a população se organizar e expressar suas demandas”. Sua concretização ocorre por meio de “diferentes estratégias que variam da simples denúncia, passando pela pressão direta (mobilizações, marchas, concentrações, passeatas, distúrbios à ordem constituída, atos de desobediência civil, negociações etc.) até as pressões indiretas” (p. 3).

Cabe considerar que na esteira dos movimentos sociais, seja por ações militantes ou ativistas, uma série de armadilhas, advindas de um sistema valorativo amplamente instituído e legitimado no social, estão colocadas. Uma delas está no risco de endurecimento presente nos modos de intervir que ganham contornos de obrigação, obediência e norma. Quando isso ocorre, Guattari alerta que “os militantes permanecem prisioneiros de muitos preconceitos da moral burguesa e de atitudes repressivas com respeito ao desejo” (1977, p. 24). Pode-se dizer, inclusive, que nesse caso, o desejo como produção é suplantado pelo desejo de dominação, o que interrompe qualquer movimento em sua dimensão de vitalidade. Superar essa situação, em um contexto social marcado pela valorização do protagonismo identitário e midiático da fama é um desafio que passa pela modificação progressiva das “tutelas que pesam sobre o desejo” (p. 84). Como essas ações passam necessariamente pela construção coletiva, somente “um trabalho de equipe pode constituir máquinas analíticas e militantes de um novo tipo” (p. 84). Vamos, então, que a militância e o ativismo, transversalizados pelo devir mulher, tem como condição de possibilidade o corpo sensível para ver, perceber, sentir e avaliar cada situação e seus possíveis desdobramentos. Daí seu alerta sobre a relevância de libertar-se “das significações da ordem dominante” (p. 142).

Guattari ainda chama a atenção para outro pormenor das armadilhas presentes nesse campo: “O termo ‘militante’ é muito envenenado. Ele recobre um capital extraordinário de devoção, de coragem, de envolvimento, por parte das pessoas, mas, ao mesmo tempo, ele evoca significados como ‘militar’, ‘arregimentação’, que são marcados por conotações negativas, chatas, mortíferas para a economia do desejo” (GUATTARI; ROLNIK, p. 174). Romper com essa conotação não é algo simples uma vez que ela acena para dimensões mais conservadoras da vida em sociedade que tende a eleger modelos a serem seguidos, cristalizando o fluxo das relações de poder. Isso pode gerar uma espécie de paixão pela causa, centralização de ações e impedir seu movimento de criação.



Daí a relevância de manter ativo um “processo analítico” (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p. 173) sobre as práticas de militância e ativismo. A composição entre vida e conhecimento criam condições de agenciar uma práxis que é inalienável, mutante e não se presta a mera aplicação. Assim, é no seio de cada situação que as ações são concebidas e colocadas em curso, criando condições para que uma “teoria seja produzida por um ‘agenciamento coletivo de enunciação’” (GUATTARI, 1977, p. 226) no qual os diferentes agentes comparecem com suas vozes, experiências, conhecimentos e sensibilidades analíticos para cartografar mudanças e texturas nem sempre evidentes. Nessa direção de uma autoanálise constante, militantes e ativistas agregam as condições de possibilidade para manter vivo o fluxo para “criar seus próprios modos de referência, suas próprias cartografias”. A cada ação micropolítica que ocorre no cotidiano, distantes de holofotes e da fama identitária, coloca-se em curso a possibilidade de “inventar sua práxis de modo a fazer brechas no sistema de subjetividade dominante” (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p. 50).

O que aprendemos com Guattari e com as mulheres que agem na esfera micropolítica é que a disponibilidade desejanse de se conectar a uma causa social ou ambiental implica manter-se em um território precário e provisório, atento às forças que advém ao acaso e modificam a luta a cada instante. Como mencionado em estudo anterior, trata-se de construir “economia política do desejo voltada para um planeta sustentável que potencialize a vida em suas diferentes formas” (MANSANO; CARVALHO, 2029, p. 11). Isso evoca a difícil aprendizagem de, ante os desafios colocados para a construção de um bem-estar comum, manter-se aberto para criar-se a cada encontro com o outro, aderindo aos movimentos precipitados em si e na causa defendida.

### **Algumas considerações finais**

O projeto de extensão aqui apresentado está em andamento e conta com a produção de saberes simultaneamente acadêmicos e afetivamente situados para avançar na compreensão da potência de expansão e dos impedimentos presentes nas intervenções de mulheres ativistas e militantes. Nessa trajetória de compreensão, algumas pistas já puderam ser elencadas: Primeiro, a micropolítica acionada nos encontros cotidianos permite compreender como as agentes sociais atuam e constroem conexões para mobilizar seus pares na busca do bem-estar comum. A confiança, o espaço de escuta qualificado e a valorização da experiência cotidiana servem como ingredientes para superar as adversidades.

Uma segunda pista, oferecida pelas conversas com Guattari a respeito das mulheres militantes e ativistas, é que quanto mais a macropolítica partidária e institucional se afasta dessas micro ações cotidianas, menos será capaz de manter-se sintonizada com as reais necessidades e saberes que perpassam a vida da população. A ação governamental, desse modo, tem muito a aprender com essas mulheres que se mantêm no anonimato e nele ancoram sua força de conexão afetiva e desejanse.

Em terceiro lugar, pode-se dizer que, aliadas aos movimentos do devir mulher, manter uma atenção sensível nos meandros dos encontros serve como uma espécie de trilha afetiva a ser rastreada para abrir novos espaços de co-criação desejanse que evoquem outras referências valorativas e outros modos de existir. Nesse processo há enfrentamentos inevitáveis que demandam laços suficientemente fortes para afirmar a diferença, reconhecer e superar os próprios conservadorismos que impedem o movimento.



Por fim, cabe considerar que a Psicologia Social, aliada aos demais campos profissionais das Ciências Sociais e Humanas, ainda tem muito a percorrer em estudos sobre as vinculações entre mulheres e política, atentando para ações cotidianas que há tempos já fazem parte da nossa história, mas que, em larga medida, acabam sendo abafadas pela hegemonia da macropolítica instaurada.

## Referências

BETIM, F. **Brasil é o terceiro país mais letal do mundo para ativistas ambientais, só atrás de Filipinas e Colômbia**. El país, 28 jul. 2020. Acessado em 06 mar. 2024. Online. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-07-28/brasil-e-o-terceiro-pais-mais-letal-do-mundo-para-ativistas-ambientais-so-atras-de-filipinas-e-colombia.html>

CARVALHAES, F. F.; MANSANO, S. R. V. Mulheres e lutas políticas: conquistas e limites vividos na segunda metade do Século XX. **INTER Tesis**, 13(2), 2016. Doi: <https://doi.org/10.5007/1807-1384.2016v13n2p141>

CARVALHO, P. R.; & MANSANO, S. R. V. Ecologia e Mobilização Social: um Desafio para a Psicologia. **Psicologia: Ciência e Profissão**, 39, 1-13, 2019. Doi: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003188690>

DEBORD, G. **A Sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

ELEUTÉRIO, J. **Ativismo feminino: mulheres na linha de frente pelas causas sociais**. Correio Brasiliense, Brasília, 2023. Acessado em 06 mar. 2024. Disponível em: <https://www.correiobrasiliense.com.br/cidades-df/2023/03/5078312-ativismo-feminino-mulheres-na-linha-de-frente-pelas-causas-sociais.html>

GOHN, M. G. Movimentos sociais na contemporaneidade. **Rev. Bras. Educ.** 16 (47). 2011. Doi: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782011000200005>

GUATTARI, F. **Revolução molecular**. São Paulo: Brasiliense, 1977.

GUATTARI, F. **Caosmose: um novo paradigma estético**. São Paulo: Editora 34, 1992.

GUATTARI, F. **As Três ecologias**. Campinas: Papyrus, 1997.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica: Cartografias do desejo**. Petrópolis: Vozes, 1996

HARDT, M.; NEGRI, A. **Bem-estar comum**. Rio de Janeiro: Record, 2016.

OLIVEIRA, C. **Mulheres na política: número de filiadas é expressivo, mas não se traduz em candidatas**. Brasil de Fato, 25 jul. 2023. Acessado em 06 mar. 2024. Online. Disponível



em: <https://www.brasildefato.com.br/2023/07/25/mulheres-na-politica-numero-de-filiadas-e-expressivo-mas-nao-se-traduz-em-candidatas>

STROPASOLAS, P.; GIOVANAZ, D. **Brasil com fome: pandemia e desmonte do Estado agravam drama dos trabalhadores.** Brasil de Fato, 11 nov. 2021. Online. Acessado em 06 mar. 2024. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/08/11/brasil-com-fome-pandemia-e-desmonte-do-estado-agravam-drama-dos-trabalhadores>

UEL. **Projeto de Extensão.** Número: 2612. Ativismo e liderança de mulheres em causas sociais e ambientais: criando espaços de potencialização afetiva. 2022. Disponível em: [https://www.sistemasweb.uel.br/system/prj/pex/pdf/pex\\_projetoscadastrados\\_2024-03-06\\_14-52-21.pdf](https://www.sistemasweb.uel.br/system/prj/pex/pdf/pex_projetoscadastrados_2024-03-06_14-52-21.pdf)